

MARINA AFONSO VIEIRA  
*IEM (Instituto de Estudos Medievais)*  
mafonsovieira@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-5789-1057>

SUSANA TEMUDO  
*Universidade de Coimbra*  
susanathemudo@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-3981-6993>

NOTAS PARA O CONHECIMENTO DA CERÂMICA MEDIEVAL  
NO ALTO PAIVA. O CONTRIBUTO DO SÍTIO DE CARVALHAIS  
(VILA NOVA DE PAIVA, VISEU)

NOTES ON MEDIEVAL CERAMICS IN THE UPPER PAIVA.  
THE CONTRIBUTION OF THE CARVALHAIS SITE  
(VILA NOVA DE PAIVA, VISEU)  
“Conimbriga” LXII (2023) p. 195-239

[http://doi.org/10.14195/1647-8657\\_62\\_10](http://doi.org/10.14195/1647-8657_62_10)

Texto recebido em / Text submitted on: 09/10/2022

Texto aprovado em / Text approved on: 20/04/2023

RESUMO: Apresenta-se o estudo do espólio cerâmico proveniente de uma escavação de minimização de impacte, realizada em 2015/2016, no sítio arqueológico de Carvalhais. Apesar de as estruturas exumadas não terem dado informação relevante, a pequena coleção cerâmica reúne condições para fornecer dados a ter em conta na caracterização da cultura material da alta Idade Média. Do breve estudo cerâmico efetuado releva-se que existe alguma homogeneidade no conjunto, na sua maioria as suas pastas são pouco depuradas, contêm grande número de elementos não plásticos e poderão corresponder a pastas graníticas locais. Através dos

*Conimbriga*, 62 (2023) 195-239

vasos estudados percebe-se que o repertório formal é reduzido, predominando os potes/panelas, alguidares e jarros. Partindo das características formais, tecnológicas e estilísticas das cerâmicas, sem esquecer a análise macroscópica das pastas e superfícies, procurou-se contrastar a coleção com contextos alto medievos bem conhecidos e com datações absolutas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alta Idade Média; Cerâmica alto-medieval; Povoamento rural.

**ABSTRACT:** This paper presents the study of the ceramic remains originated from a rescue excavation, carried out in 2015/2016, at the archaeological site of Carvalhais. Although the exhumed structures have not offered relevant information, the small pottery collection seems to allow some insights on the characterization of the material culture of the Early Middle Ages.

From the brief ceramic study carried out, it is clear that there is some homogeneity in the set, most of its fabric is poorly depurated, contains a large number of non-plastic inclusions and may correspond to local granitic pastes. The vessels reveal a reduced formal repertoire, with pots/pans, bowls and pitchers predominating.

Based on the formal, technological, and stylistic characteristics of the pottery, without forgetting the macroscopic analysis of the fabric and surfaces, we have tried to contrast the collection with well known early medieval contexts with absolute dates.

**KEYWORDS:** Early Middle Ages; Early Middle Ages pottery; Rural Settlement.

# NOTAS PARA O CONHECIMENTO DA CERÂMICA MEDIÉVAL NO ALTO PAIVA. O CONTRIBUTO DO SÍTIO DE CARVALHAIS (VILA NOVA DE PAIVA, VISEU)

## **Nota introdutória**

O presente artigo visa dar notícia dos resultados de uma intervenção arqueológica de minimização de impacte ocorrida em 2015/2016 na área do sítio arqueológico de Carvalhais que se localiza a cerca de 1500 m para NNO da sede de concelho, Vila Nova de Paiva, de um lado e outro da estrada nacional 329 que conduz a S. João de Tarouca. Pertence ao distrito de Viseu e corresponde-lhe o Código Nacional de Sítio N.º 11837 (FIG. 1).

Dessa intervenção resultou uma coleção de fragmentos cerâmicos de que se apresenta o estudo, visando contribuir para o conhecimento da cultura material no Alto Paiva alto mediévico. Deste modo, o presente artigo tem como principal intuito a caracterização de um conjunto de cerâmicas de uso tendencialmente doméstico.

Uma vez que Carvalhais ainda não foi objeto de uma publicação geral, vai-se começar por descrever e delinear um historial do conhecimento do sítio e só depois se irá abordar em detalhe a intervenção mais recente e finalmente apresentar o estudo dos materiais cerâmicos.

## **Descrição e historial do sítio de Carvalhais**

Em termos de implantação, o sítio arqueológico ocupa uma área de meia encosta voltada a sudeste, para o pequeno vale da ribeira do Sabugal. As 12 sepulturas escavadas na rocha granítica, algumas apenas parcialmente conservadas, dispersam-se numa pequena chã (a cerca de 790m de altitude) em núcleos de 2 a 3, apresentando orientações e formatos diversos. Uma antropomórfica plena, em que a cabeceira está

delineada externamente, 3 com antropomorfismo interno na cabeceira e estreitamento para os membros inferiores, visível externamente. As restantes, quando é possível estabelecer a forma, são trapezoidais e subtrapezoidais. 5 das sepulturas apresentam rebordo para encaixe de tampas monolíticas. De uma forma geral apresentam mau estado de conservação por terem sido, aparentemente, alvo de extração de pedra, existindo marcas de guilhos em alguns dos sepulcros. Existe ainda uma sepultura isolada que se encontra a NNO da necrópole, num ponto que ronda os 820m de altitude, sobranceiro à ribeira do Sabugal, mas ainda assim não é o ponto mais alto, pois há, a cerca de 200m para oriente, uma elevação de 832m. Parece-nos que – mais importante do que estar num ponto elevado ou visível – era estar a sobrepujar os terrenos que se desenvolvem na área do vale da ribeira, que ainda hoje se apresentam agricultados (milho e centeio).

A cerca de 10m a sul da necrópole, numa pequena elevação (802m altitude), existe uma área de escorial, indiciando uma atividade de forja, não existindo, contudo, dados que permitam deduzir cronologia para a mesma (FIG. 2, n.º 3).

A primeira alusão ao local é de 1940 e refere somente que ali existiriam sepulturas escavadas na rocha (GAMA, 1940: 85). Em 1974, na revista *Beira Alta*, o local é descrito por alguém com o pseudónimo Celtibero Lusitanus, referindo para além das sepulturas – que descreve como “vazias e danificadas” – que teriam aparecido “porções de objectos cerâmicos” nos terrenos agrícolas, a oriente e sul destas, aos quais a população apelida de Linhares (LUSITANUS, 1974: 250-251). O local é apontado como vestígio dos “primeiros cristãos” pelo erudito autor da “História do bispado e sede de Lamego” (COSTA, 1979: 310; 1985: 422). Nos inícios dos anos oitenta as sepulturas são descritas com algum pormenor num trabalho de âmbito académico (BELEZA, 1981: 110-112).

Em 1992, Jorge Adolfo Marques refere o achado de materiais de superfície que considera corresponderem à época romana, embora no final do artigo ressalve que a tégula possa ter sido usada também na Alta Idade Média<sup>1</sup>. O mesmo autor em 1995, na sua dissertação de mestrado, descreve dez sepulturas e apresenta as respetivas medidas, dando

---

<sup>1</sup> O autor quando menciona a presença dos artefactos acrescenta que seriam “fragmentos de cerâmica de uso doméstico de produção regional de cor alaranjada com vestígios de engobe vermelho; cerâmica de construção (tegulas, imbrices e tijolos) [*sic*]; pedra aparelhada miúda; uma mó manual e escórias de ferro” (MARQUES, 1992: 376).

a conhecer ainda a sepultura isolada a norte da necrópole, que diz distar desta cerca de 300m e a que chama Carvalhais A (MARQUES, 1995: 146-147; 2000: 144-146). Volta a referir a estação em artigo de 1996, mas sem acrescentar informação para além da publicada anteriormente (MARQUES, 1996: 209-210).

No âmbito do projeto “Alto Paiva: Sociedades e estratégias de povoamento desde a Pré-história Recente à Idade Média”, coordenado por Domingos J. Cruz e incluído no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos 1998-2002, o local foi objeto de levantamento e publicação, tanto para um público mais especializado (VIEIRA, 2000; 2004a: 61, 69-70, 73-74, 78, 155, 176-180, 212-214), como para divulgação e usufruto da população em geral (CRUZ *et al.*, 2000a: 38; 2000b: 261-262).

O sítio é referido como um dos 300 sítios arqueológicos visitáveis em Portugal (RAPOSO *et al.*, 2001: 129) e integrou o roteiro arqueológico do município, estando sinalizado, embora a limpeza do local já não seja feita todos os anos como aconteceu no passado.

Apesar do sítio arqueológico de Carvalhais estar referenciado na base de dados Endovélico, em 2001 – ao ser construído um novo traçado para a estrada N329 –, não são realizados trabalhos arqueológicos prévios e a estação sofre uma destruição muito considerável. Nas terras revolvidas pelas máquinas são observados muitos materiais, nomeadamente fragmentos de grandes dimensões de tégulas, pedras aparelhadas com restos de argamassa, bem como muita cerâmica diversa com características enquadráveis na época romana. Também surgiam misturados materiais mais antigos, como alguns fragmentos cerâmicos com acabamento cepilhado.

Após esta destruição, o sítio foi alvo de intervenção arqueológica no âmbito do projeto “Da serra da Nave ao Vouga: paisagens humanas da Antiguidade Tardia à Alta Idade Média”, que decorreu entre 2003 e 2006<sup>2</sup>. A primeira campanha de trabalhos foi dirigida por Alexandre Canha e cumpriu o objetivo de identificar áreas onde tivessem sido preservados vestígios arqueológicos *in situ*, uma vez que depois da destruição o local ficou bastante alterado pelas movimentações de terras efetuadas pelas máquinas, que espalharam terras com os materiais arqueológicos ao longo da estrada.

---

<sup>2</sup> Projeto financiado no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos do extinto Instituto Português de Arqueologia.

Desta primeira intervenção de diagnóstico interessa reter que foram exumados vestígios atribuíveis genericamente ao período romano, precedidos de uma ocupação da Idade do Ferro. Isto é, identificou-se uma vala de fundação de um muro argamassado que rompia um piso associado a fragmentos cerâmicos pré-romanos. Também se releva o facto de ter sido possível perceber que, a cerca de 1,60m da superfície (na quadrícula F1, sondagem 3, onde a potência estratigráfica é maior, mas onde não se identificaram estruturas históricas) existe um substrato com materiais atribuíveis à Idade do Bronze Final, muito semelhantes aos que se conhecem do sítio arqueológico de Canedotes (VIEIRA, 2004b; CANHA, 2002: 27).

As campanhas de 2004 a 2006, dirigidas por Marina Vieira, puseram a descoberto uma série de alicerces de estruturas de pedra granítica aparelhada, ligada com argamassa de cal, atribuíveis aos séculos IV-V, sobre as quais terá existido uma ocupação do séc. VI-VII, esta última muito afetada pelos trabalhos agrícolas. Desde as primeiras sondagens que se verificou que a camada de solo agrícola é magra, entre os 15 e os 25cm, pelo que as camadas arqueológicas mais recentes se encontram perturbadas pelo uso do arado (VIEIRA, 2007).

Percecionou-se a existência de várias fases de remodelação das estruturas pétreas embora, atendendo aos materiais exumados, sempre dentro das cronologias do Baixo Império. Recolheram-se fragmentos de materiais que poderão remeter para o Alto Império, mas em percentagem residual (VIEIRA, 2004b, 2005, 2006).

De cronologia posterior, depreende-se pela estratigrafia, mas também pelas características intrínsecas, será uma construção realizada em pedra seca, de que se exumou apenas um tramo com direção *grosso modo* este oeste, que poderá ter servido de base para paredes constituídas por materiais perecíveis. A cultura material associada a esta estrutura é diferente da exumada nos níveis anteriores, apesar de se detetar uma nítida residualidade no que toca a materiais cerâmicos da fase anterior. Tendo em conta que estes últimos terão uma cronologia até ao século VII<sup>3</sup>, esta ocupação pertencerá a período sequente (VIEIRA, 2007).

Não foi possível estabelecer uma funcionalidade específica para os restos de edifícios, mas nenhum elemento é estranho a um assentamento de cariz agrícola (VIEIRA 2006, 2007). Uma hipótese que não se

---

<sup>3</sup> Serão brevemente publicadas as datações de radiocarbono.

pode descartar, no estado atual do conhecimento deste sítio, é a de ter existido um assentamento continuado, ligando os diferentes momentos de ocupação documentados.

### **O contexto arqueológico – intervenção 2015/2016**

Em 2015, no âmbito da construção de uma moradia unifamiliar, a cerca de 60m a NNO da área escavada em 2003-2006, efetuaram-se trabalhos arqueológicos de minimização e salvaguarda patrimonial, na figura de sondagens prévias de diagnóstico, sucedidas pelo acompanhamento arqueológico de todas as ações com impacto direto no solo (CANHA e TEMUDO, 2016). Uma intervenção condicionada pelas especificidades técnicas do projeto de arquitetura a implementar e, por isso, circunscrita à localização das sondagens às zonas de maior impacto, as sapatas.

A área sondada totalizou 22m<sup>2</sup>, distribuída por 7 sondagens (correspondentes às sapatas) (FIG. 4). A potência estratigráfica desvelada é muito exígua e é composta por duas camadas, a vegetal e a antrópica, esta última reveladora de materiais arqueológicos e de estruturas associáveis à zona arqueológica intervencionada no âmbito das escavações inseridas no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, acima referidas.

Foi assim possível compreender que os vestígios arqueológicos se prolongam em direção ao topo da colina, embora se mantenham a meia encosta. Apesar da pouca expressividade estratigráfica, recolheu-se um conjunto considerável de fragmentos cerâmicos de uso quotidiano, que agora serão apresentados com maior rigor, bem como algumas peças líticas e material de construção (tégulas e telha de meia cana). Numa apreciação de conjunto estes artefactos são inseríveis na Alta Idade Média.

As estruturas encontradas caracterizaram-se por ser construções *in situ*. A primeira, identificada na Sapata 28 [02], que motivou o alargamento da sondagem para caracterização, apresentou uma planta sub-circular em pedra, coberta pela camada antrópica e assente sobre o substrato geológico, que ora se revelou na forma de saibro [03], ora afloramento rochoso [04]. Esta estrutura apresentou-se como sendo uma unidade composta por pedras graníticas de grande/médio porte, dispostas de forma ordenada e sem aparente ligante na sua cons-

tuição (FIG. 3.1). Talvez os alicerces de uma construção em pedra seca, embora sem demonstrar as características do muro mais recente (estratigraficamente posterior às camadas datadas do século VI-VII) documentado na campanha de 2006, que é constituído por um duplo paramento e pedra miúda no interior (VIEIRA, 2007), porventura por estar muito destruído.

Possivelmente correlacionado com a estrutura [02] identificou-se um buraco de poste [05], escavado no solo geológico, de planta circular e situado a oeste do centro da [02] (FIG. 6). A implantação destas unidades estratigráficas posiciona-se sobre o solo rochoso, encontrando-se parte da estrutura [02], ligeiramente afastada de um corte feito no granito. Este corte no solo geológico sugere a presença de uma hipotética vala de fundação, talvez o negativo de uma estrutura anterior, pois estratigraficamente, tanto a [02] como a [03], foram colmatadas pelas mesmas terras, tal como o buraco de poste [05].

Da camada antrópica exumou-se uma quantidade relevante de espólio cerâmico, de diferentes tipologias, inseríveis em contextos altomedievais, embora também se tenham identificado alguns fragmentos de época romana, nomeadamente dois fragmentos de *sigillata* e outro de cerâmica comum, também pertencente a uma pequena forma (FIG. 11, n.ºs 1 a 3).

Fora do contexto de escavação, no decorrer do acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos diretamente pela obra e, portanto, fruto dos trabalhos de remoção das terras com máquina, assinalou-se uma segunda estrutura, a cerca de 39 metros a NO da [02], identificada pela letra [A] (FIG. 3.2). Vestígio que poderá corresponder a uma segunda construção, igualmente assente no solo rochoso e detentora da mesma técnica construtiva da estrutura [02], apesar de sugerir uma planta ligeiramente diferente da anterior. A estrutura [A] é composta por pedras de granito não afeiçoadas de pequena/média dimensão, com uma orientação E-O, colocadas por justaposição e que seguem, de certo modo, os entalhes naturais do afloramento rochoso. Um posicionamento que sugere uma organização em linha, seguindo a orientação do afloramento.

Relativamente próxima da estrutura [A] e sem aparente relação direta, assente no solo saibroso, registou-se uma concentração de pedras [B] (FIG. 3.2 e FIG. 7), não tendo sido possível entender qual a sua articulação com a primeira. Ambas se encontraram ocultadas por uma camada antrópica igual à assinalada na sondagem 28 e detentora do

mesmo tipo de materiais arqueológicos, com especial destaque para um fragmento de movente em granito, pelo que se concluiu que este espaço seria contemporâneo da estrutura [02].

Por último, refira-se o achado em deposição secundária e envolto na terra vegetal, de um almofariz em granito fragmentado (FIG. 8), encontrado na Sapata 25, junto a um dos blocos graníticos que caracterizam o espaço e a cerca de 4m de distância da estrutura [02]; entregue no final dos trabalhos ao município de Vila Nova de Paiva.

Quanto aos líticos, para além dos já aludidos (1 almofariz fraturado e 1 movente granítico), foram também recolhidos em acompanhamento, portanto sem estratigrafia definida: 1 seixo de quartzo muito desgastado (moyente?) e 3 fragmentos de pedras de afiar, aos quais se soma mais 1 recolhido na camada vegetal [00] (FIG. 9).

O espólio vítreo resume-se a um fragmento, sem forma, de cor verde amarelado (Munsell 5Y 5/6) com pequenos vacúolos redondos e impurezas negras, proveniente dos trabalhos de acompanhamento.

### **Conjunto cerâmico**

Cerâmica, é o que nos fica – em condições de conservação terrestre normais – da panóplia de objetos usados no quotidiano, pois a madeira, a cortiça, o couro e outros materiais perecíveis raramente deixam rasto. É também comum que seja o material mais abundante recuperado em escavações arqueológicas, foi o que aconteceu nesta intervenção de 2015/2016.

Os estudos cerâmicos para a cronologia alto medieval em Portugal ainda não estão muito desenvolvidos. As cerâmicas finas sempre mereceram mais atenção, sobretudo nos contextos que se seguem ao período romano, mas nos últimos anos assiste-se a um enfoque crescente no que toca à publicação de cerâmicas comuns, de fabricos locais e regionais e respetivos contextos (SOUZA e CORDERO RUIZ 2020: 150).

Felizmente, para a área entre o Douro e o Mondego já existem publicações de referência que unem os estudos do acervo cerâmico a datações de radiocarbono, fruto de projetos de investigação desenvolvidos nos últimos anos. Relevam-se as sínteses de Catarina Tente e Adriaan de Man (DE MAN e TENTE, 2014; TENTE e DE MAN, 2016). De idêntico horizonte cronológico há ainda a destacar os resultados publicados por António Silva e Manuela Ribeiro (SILVA e RIBEIRO, 2006,

2014). Apesar de não recorrerem a datações absolutas, evidenciam-se ainda as publicações dos materiais de escavações de Coimbra, quer do Pátio das Escolas (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009), quer da área do Museu Nacional de Machado de Castro (SILVA, FÉRNANDEZ FERNÁNDEZ e CARVALHO, 2015; SILVA 2016). Menção ainda para o mais recente e muito necessário estudo e publicação de materiais de escavações antigas, neste caso da conhecida estação arqueológica de Santa Olaia que não tem apenas uma importante ocupação da Idade do Ferro, mas também medieval (NAZARÉ, 2013; SILVA, ALMEIDA e PEREIRA, 2021<sup>4</sup>).

Em termos de contexto, o sítio de Carvalhais contrasta com os sítios publicados até ao momento, relativos ao Alto Mondego, uma vez que o local teve uma ocupação de época romana e alto medieval e os vestígios encontrados apontam para uma convivência com modelos cerâmicos de herança romana, enquanto que os sítios do Alto Mondego são fundações *ex-novo* do século IX/X e terão tido ocupações curtas, estimadas entre 2 a 4 gerações (TENTE e DE MAN, 2016: 64). Tendo em conta a existência de ocupações de épocas anteriores, o sítio de Carvalhais aproxima-se mais dos sítios arqueológicos de Arouca, o Castelo de Arouca e o casal de Malafaia. Do primeiro pela existência de uma ocupação da Idade do Ferro até, provavelmente, aos séculos V/VI d.C., a que se sobrepôs um castelo roqueiro nos finais do século IX (SILVA e RIBEIRO, 2014: 162-163), do segundo pela ocupação alto imperial e dos séculos III/IV a V/VI, a que se segue uma ocupação pontual do século X (SILVA e RIBEIRO, 2014: 164-165).

Apesar de não ter sido possível exumar a totalidade da estrutura pétrea, o que impede uma melhor compreensão desta construção e, consequentemente, a identificação da sua funcionalidade, estamos perante um contexto homogéneo que não terá sido adulterado por intrusões posteriores. Apesar da superficialidade dos níveis arqueológicos, apenas se recolheu um fragmento de cronologia manifestamente mais recente (um pequeníssimo fragmento vidrado). Assim, esta publicação pretende ser um contributo para o conhecimento das cerâmicas medievais nesta região, ainda que modesto. Não existem datações absolutas,

---

<sup>4</sup> A que acresce a comunicação apresentada no dia 23 de março de 2023, por estes últimos autores, ao VII Congreso de Arqueología Medieval (España-Portugal) realizado em Sigüenza – *Rise & fall: o ciclo medieval de Santa Olaia (Figueira da Foz, Portugal)* –, onde se dá a conhecer a face medieval desta estação arqueológica. Agradecemos aos autores o acesso à comunicação na sua forma digital.

pelo que a indicação cronológica é deduzida com base nas características formais, tecnológicas e estilísticas das cerâmicas, tendo ainda em atenção o contexto arqueológico e a comparação com formas e decorações atribuídas à alta Idade Média em sítios datados através de métodos absolutos.

Considerando que um dos principais problemas que afetam os estudos de cerâmica alto medieval é a utilização de diferentes metodologias (VIGIL-ESCALERA e QUIRÓS CASTILLO, 2016: 27), para facilitar a comparação de dados iremos procurar seguir a nomenclatura e abordagem adotadas pelos estudos publicados para a zona do Alto Mondego e Baixo Douro referidos supra.

### **Quadro 1** – *Inventário geral dos fragmentos de cerâmica.*

Bordos	Asas	Paredes	Fundos	Outros (b)	Mat. Construção
62	11	492	84 (a)	3 (b)	45 (c)

(a) Dos quais 11 fragmentos são bases em disco (10 recipientes).

(b) 1 feito de raiz como cossoiro, os outros serão reutilizações, 1 com perfuração pós-cozedura.

(c) Inclui um fragmento de placa de argila.

Foram recolhidos todos os artefactos identificados, sem se ter aplicado qualquer tipo de seleção. Assim, a coleção cerâmica tem um total de 697 fragmentos. Destes, 44 são materiais de construção, tendo sido possível identificar 17 fragmentos de telha curva e 7 fragmentos de tégula. Os restantes 21, todos com medida inferior a 5 cm, estão muito rolados e não permitem identificação segura. Mesmo as peças que possibilitaram identificação do tipo a que pertencem estão muito fragmentadas, sobretudo as tégulas, não havendo nenhum pedaço com medida superior a 9,5 cm. Esta situação, somada à fraca presença deste material, indicia que estes fragmentos, sobretudo os mais antigos, poderiam estar a ser reutilizados sem que tivessem já a sua função inicial de cerâmica de cobertura. Todos os fragmentos são provenientes de cozedura em atmosfera oxidante, como é vulgar neste tipo de material.

Ainda dentro do material classificável como cerâmico (e que contabilizámos no quadro acima dentro do material de construção) encontra-se um fragmento de placa de barro cozido que apresenta uma rubefacção consentânea com uma repetida exposição a altas temperaturas.

Tem uma espessura regular de 3,6cm, bastante homogénea (o fragmento tem as dimensões máximas de 8 e 13 cm). Nas fraturas é possível observar grande quantidade de carvões na sua composição.

Do total de 697, 502, isto é, 72%, são fragmentos de cerâmica atribuíveis a paredes de recipientes cerâmicos; 45 dos quais apresentam decoração, que tudo indica estaria sobretudo na parte superior da peça. Também de âmbito doméstico, temos 3 coeiros, artefactos associados à técnica de fiação em fuso. Dois moldados para esse efeito e outro reaproveitado de um fragmento cerâmico, sendo observável que o furo – um pouco descentrado – foi feito após a cozedura do barro (FIG. 15, n.º 25). Os criados com o barro cru apresentam características muito diferentes, um é discoide e plano nas duas faces (FIG. 15, n.º 24), o outro é convexo na face superior (FIG. 15, n.º 23).

Da análise macroscópica das pastas releva-se que a grande maioria será de origem granítica e pode ser definida como pouco depurada, incluindo muitos elementos não plásticos, mal calibrados e muito abundante em mica. Apenas 2 fragmentos de fundo que claramente não correspondem a esta descrição, com as suas pastas bem depuradas e boas cozeduras oxidantes, correspondentes a fabricos hispânicos de *sigillata*, mais especificamente produções do Vale do Douro (FIG. 11, n.º 1 e 2). Há ainda um terceiro fragmento de fundo que também apresenta uma superfície de coloração semelhante aos primeiros, mas a cozedura é redutora/oxidante e a pasta, embora bem depurada, apresenta alguns elementos não plásticos visíveis e tem pequenas imperfeições que não foram corrigidas (como o arrastamento da pasta na base e pequenos orifícios na superfície); atendendo à pequena forma e fundo plano poderá tratar-se de uma imitação de *sigillata* tardia (Fig. 11, n.º3). Este grupo é constituído por pequenas taças, contrastando, como veremos abaixo, com o repertório cerâmico maioritário.

O número mínimo de recipientes (NMR), obtido através da contagem de bordos, foi de 50 indivíduos. Tendo em atenção a elevada fragmentação e o baixo índice de colagens e associações, nalguns casos devido à má conservação dos fragmentos que se apresentavam friáveis, consideramos o número de peças significativo para uma coleção tão pequena. Não foi possível reconstituir nenhuma forma completa, apenas perfis de bordos e fundos.

**Quadro 2** – *Carvalhais. Percentagens dos fabricos, ambientes de cozedura, formas e decoração.*

		NMR Bordos		NMR Fundos	
		N.º	%	N.º	%
Fabricos	Torno	50	<b>100</b>	37	54,4
	Misto			12	17,6
	Manual			2	2,9
	Indeterminado			17	25
Cozeduras	Oxidante	19	<b>38</b>	16	23,5
	Redutora	15	<b>30</b>	8	11,8
	Oxidante-redutor	4	<b>8</b>	12	17,6
	Redutor-oxidante	10	<b>20</b>	24	35,3
	Indeterminado	1	<b>2</b>	7	10,3
	Misto	1	<b>2</b>	1	1,5
Formas	Pote / Panela	21	<b>42</b>		
	Alguidar	16	<b>32</b>		
	Jarro	8	<b>16</b>		
	Indeterminada	5	<b>10</b>		
Peças decoradas		7	<b>14</b>		

Com base na análise dos bordos diríamos que todos os recipientes foram montados a torno. Contudo, pelo estudo dos fundos, sabemos que a realidade é um pouco diferente. Permitimo-nos, por isso, a considerar, apenas para fins comparativos, uma contagem de indivíduos através dos fundos, tal como aparece representado no quadro a cor cinzenta (Quadro 2). Assim, já nos é dado notar que há outros dados. Apesar de maioritariamente termos o uso do torno, 12 recipientes apresentam técnica mista, ou seja, associam a manual ao torno: 10 são fundos de alguidar em disco e 2 que evidenciam a técnica de rolos associada ao torno. Os dois fragmentos manuais são algo difíceis de valorizar, uma vez que são fragmentos relativamente pequenos e as peças também não seriam muito grandes, mas mostram evidentes marcas de dedadas no interior que não foram disfarçadas e no exterior uma configuração algo irregular. Finalmente há uma quantidade significativa de peças em que não foi possível observar as marcas do uso do torno, sobretudo pelo desgaste da superfície ou rugosidade da pasta (25%, cf. quadro 2), mas cuja regularidade (ao nível de espessura e forma) indicia que se trata de peças feitas a torno.

Quando se olha uma coleção cerâmica alto medieval é comum termos uma ideia de cores escuras o que *a priori* se interpreta como resultado de cozeduras redutoras. Contudo é preciso ressaltar que muitas vezes as pastas se apresentam escuras devido ao seu uso ao lume ou por – já fragmentadas – terem sido deixadas dentro delareiras. Como é usual que a maioria dos recipientes desta época sejam panelas ou potes, o que parece determinar a cor com que nos chega uma parte significativa dos fragmentos é o uso e não o fabrico.

De facto, uma quantidade apreciável das cerâmicas aqui estudadas apresenta-se enegrecida pelo fogo, algumas ainda com a fuligem agarrada à superfície, o que dificultou por vezes a determinação do tipo de cozedura, sobretudo nos fundos, mais sujeitos à ação do fogo (fragmentos indeterminados – 1 nos bordos e 7 nos fundos, cf. Quadro 2).

As cozeduras oxidante (38%) e redutora-oxidante (20%), que resultam em superfícies de cores laranja, bege e cinzento claro, representam mais de metade dos recipientes (58%), o que é espelhado na representação do NMR dos fundos (58,82%), portanto ao nível da cozedura não há divergências quando se analisam dados dos bordos ou dos fundos, como aliás é expectável. A cozedura redutora é identificada em 30% dos recipientes, e a redutora-oxidante em 8%, oferecendo superfícies de tons acastanhados e cinzentos (cf. Quadro 2).

Apenas um número residual de recipientes (1 bordo e 1 fundo) mostram superfícies simultaneamente redutoras e oxidantes. Ainda assim podemos dizer que, no geral, as cozeduras são irregulares e muito provavelmente a temperaturas baixas, o que se depreende da fragilidade dos fragmentos cerâmicos e respetivas colorações.

A maioria das formas identificadas são o pote/panela, o alguidar e o jarro. A multifuncionalidade destes recipientes permitia que cobrissem todas as necessidades, apesar de não podermos negligenciar a existência de objetos fabricados com materiais perecíveis, que certamente complementaríamos os de barro.

Os potes / panelas representam 42% do total de recipientes, portanto a maioria das peças serviriam para cozinhar ao lume e para guardar alimentos. Os bordos apresentam alguma variabilidade de forma. Há bordos esvasados triangulares (FIG. 16, n.º 29), colos estrangulados com bordo de lábio espessado para o exterior (FIG. 16, n.º 26), bordos redondos em recipientes de perfil em “S” pouco pronunciado, este último o mais representado com 8 recipientes (FIG. 16, n.º 30).

Em termos de diâmetros, embora nem sempre tenha sido possível de determinar, face à fragmentação encontrada, os valores oscilam entre os 90 e os 250mm. Claro que estas dimensões são da boca dos recipientes, sendo expectável diâmetros mais elevados ao nível dos bojós.

Depois dos potes / panelas, a popularidade do alguidar está patente na sua representação, com 32% do NMR dos bordos. Esta forma aberta também seria multifuncional, utilizada desde a preparação até ao consumo de alimentos (TENTE e DE MAN, 2016: 51). Estas peças são identificáveis a partir dos bordos devido a apresentarem paredes retas oblíquas, mas a morfologia dos lábios é variada, normalmente com espessamento exterior que pode ser de secção triangular / subtriangular, ou arredondado e ainda um exemplar em forma de martelo. Esta última peça ostenta ainda decoração incisa na forma de uma linha ondulada no interior e exteriormente apresenta caneluras, sendo o único exemplo de decoração no interior e exterior da peça da coleção em estudo (FIG. 18, n.º 39). Ao nível da decoração há ainda a registar um cordão digitado, um ondulado penteado (3 incisões paralelas) e uma linha incisa. Ao todo 4 peças com decoração, representando mais de metade dos indivíduos decorados (que totalizam 7, vide Quadro 2).

Para não deixar de fora uma variante de alguidar teremos novamente que olhar para os fundos (cf. Quadro 2). Assim, verificamos a existência de 10 alguidares ditos de fundo em disco, um característico tipo que aqui surge bem representado. É curioso como existe uma variabilidade grande dentro deste morfotipo, como se pode observar na Figura 19. A base tanto se apresenta muito plana e quase perpendicular à parede do vaso como espessada ou arredondada. Nenhuma apresenta decoração. Foi possível determinar o diâmetro de apenas seis peças, oscilando este entre os 200 e os 300mm.

Os jarros, que seriam contentores para líquidos, são a forma menos representada (8 indivíduos, cf. Quadro 2) e também a menos conhecida, pois os fragmentos são pouco elucidativos. Apenas uma das peças teria um bocal trilobado, embora entre os fragmentos sem forma se tenha identificado mais um fragmento que também pertenceria a um jarro trilobado, embora lhe falte o bordo propriamente dito. Uma peça apresenta um mínimo bordo oblíquo e, abaixo de duas linhas incisadas, um pontilhado (FIG. 12, n.º 8). Não se identificaram asas associadas, mas é possível que esta forma as possuísse.

Estão representadas 10 asas, maioritariamente de secção plana, uma apresenta uma depressão longitudinal, outra uma canelura central

espassada. Dois arranques de asa exibem puncionamento (FIG. 14, n.<sup>os</sup> 21 e 22). Não foi possível relacionar nenhuma asa com fragmentos da parede das peças, contudo há um fragmento de asa que tem uma parte do colo da peça, ficando a interrogação se pertenceria a um jarro, tendo em atenção que nas coleções do Alto Mondego, que apresentam tantas similitudes com esta, os jarros costumam estar associados a asas de fita (TENETE, LANTES e PRIETO, 2014: 128).

Em termos de decoração é perceptível que o NMR deixa de parte um número considerável de exemplos decorativos, pois apenas 7 peças se encontram ornamentadas, quando existem mais 55 fragmentos decorados (52 sem forma e 3 asas). Todavia, tanto em número de peças (NMR), como em percentagem da coleção (8%), pode dizer-se que a regra são as peças lisas.

Numa apreciação do conjunto, pode considerar-se que a decoração se concentra na parte superior das peças, próximo dos bordos. Apenas um indivíduo apresenta decoração interior e exterior – o bordo de alguidar a que já se fez referência acima (FIG. 18, n.<sup>o</sup> 39) –, de resto toda a decoração é no exterior dos recipientes. A incisão é o tipo decorativo preferido, seguida do cordão plástico, digitado ou não e das caneluras. As linhas incisivas podem ser horizontais, por vezes unindo-se a linhas descrevendo meandros ou triângulos e até a cordões plásticos; também existem linhas onduladas duplas. Os cordões plásticos podem ser simples ou com depressões digitadas, que nalguns casos parecem ter deixado a impressão de um têxtil (FIG. 10).

Contentores de fogo, quer destinados à iluminação, quer ao aquecimento, estão aparentemente ausentes, como sucede nos sítios do Alto Mondego estudados por Catarina Tente (TENETE e DE MAN, 2016: 51).

Por último, há ainda a registar um fragmento que ostenta um pequeno orifício pós cozedura que parece ser de reparação (“gato” metálico). Este tipo de ocorrência remete-nos para um contexto em que os contentores cerâmicos eram um bem algo escasso (VIGIL-ESCALERA e QUIRÓS CASTILLO, 2016: 35, 37), pelo menos seria de importância para quem investiu o seu tempo a repará-lo.

## **Discussão**

A coleção cerâmica de Carvalhais encontra-se dentro de um arco cronológico bastante alargado. Apesar de estratigraficamente não ter

vido possível determinar períodos diferentes, é improvável que todos os recipientes identificados correspondam a uma única fase de ocupação, embora partilhem a mesma deposição. Considerando a existência de um assentamento dos séculos VI/VII, a 60m de distância e a morfo-tipologia de algumas peças, e não obstante estarmos dentro do balizamento da Alta Idade Média, não podemos ignorar que estamos em presença de dois momentos de produção/uso, um mais antigo, que poderá ter início nos séculos VI-VII (momento 1) e outro mais recente, ligado à presença notória de alguidares de base em disco, para o qual podemos apontar o século IX-X como etapa inicial (momento 2).

Dada a proximidade geográfica, mas também pela semelhança litológica e até paisagística, parece-nos natural contrastar estes dados de Carvalhais com outros sítios escavados do Alto Mondego, bem como de Arouca. Encontramos ainda paralelismos numa área fora do território atualmente português, mas com afinidades ao nível do povoamento rural. Como veremos, existem muitas similaridades em termos de repertório de formas, decoração e até fabrico.

As estruturas pétreas postas a descoberto na intervenção de 2015/2016, sem argamassa, construídas com blocos irregulares sobrepostos, aproximam-se da ocupação tardia de Malafaia pela sua rudeza. Infelizmente, dado o carácter da escavação efetuada, que apenas incidiu sobre as áreas de afetação da obra, bem como pela fraca potência estratigráfica, não conhecemos a totalidade das estruturas, pelo que não sabemos qual seria a sua funcionalidade, apenas podemos conjecturar que seriam estruturas associadas a uma zona habitacional, uma vez que os materiais apontam para tarefas domésticas quotidianas.

Penedo dos Mouros, S. Gens e Soida, são sítios cercados por paliçadas e que albergariam várias famílias no seu interior, este último situa-se em altitude dominando visualmente parte do vale do Mondego, enquanto que os primeiros assumem posições sem destaque na paisagem (TENTE e DE MAN, 2016: 49-50). As datações absolutas apontam para uma ocupação destes espaços entre o século IX e a primeira metade do século X (TENTE e DE MAN, 2016: 49-50, fig. 2.3).

Já acima referimos que Carvalhais está mais próximo, no tocante ao contexto, dos sítios de Arouca devido a não ser uma fundação ex novo do século IX, particularmente do sítio de Malafaia. Este sítio, com cronologias aferidas por radiocarbono, é um assentamento rural com ocupação dos séculos I/II e III/IV a V/VI, a que se sobrepõe uma ocupação do século X, denunciada por lareiras e muretes de pedra seca sobre

os níveis de derrube e abandono das estruturas romanas (SILVA *et al.*, 2008: 723, 726-728, SILVA e RIBEIRO, 2014: 164-165).

Outro contexto de que Carvalhais se aproxima, no seu momento 1, fica atualmente no país vizinho, mas apresenta uma paisagem e litologia muito próximos, bem como a presença de uma ocupação romana prévia, neste caso do Alto Império (séculos I-II), a que se sucedem assentamentos do século VI-VII, em El Cañaverál, e do século VII-VIII, em El Pueblito, no sítio da Genestosa (Casillas de Flores, Salamanca). Esta cronologia tem por base datações de radiocarbono. Os locais habitacionais articulam-se ao longo de um ribeiro, existindo sepulturas escavadas na rocha nas proximidades das cabanas (MARTÍN VISO *et al.*, 2017; RUBIO DÍEZ, MARTÍN VISO e CENTENO CEA, 2022), da mesma forma que em Carvalhais o local habitado estava enquadrado pela necrópole e sepultura isolada.

**Quadro 3** – *Contrastam-se os dados de Carvalhais com os dos sítios do Alto Mondego (TENTE e DE MAN, 2016: tabela 2.1).*

		Carvalhais	Penedo Mouros	S. Gens	Soida
Fabricos %	Torno	<b>100</b>	94	89,3	86,2
	Misto	<b>0</b>	3	4,3	13,8
	Manual	<b>0</b>	3	6,4	0
Cozeduras %	Oxidante	<b>38</b>	38,5	58	76
	Redutora	<b>30</b>	55,4	33	24
	Oxidante-redutor	<b>8</b>	1,5	4,5	0
	Redutor-oxidante	<b>20</b>	4,6	4,5	0
	Indeterminado	<b>2</b>	0	0	0
	Misto	<b>2</b>	0	0	0
Formas %	Pote / Panela	<b>42</b>	24	36	45
	Alguidar	<b>32</b>	10,4	7,5	3,4
	Jarro	<b>16</b>	14,9	7,5	13,7
	Taça	<b>0</b>	0	2,1	0
	Troncocónico inver.	<b>0</b>	0	7,5	0
	Indeterminada	<b>10</b>	50,7	39,4	37,9
Peças decoradas (%)		<b>14</b>	24,6	19,5	31

No tocante às cozeduras, também há similitudes na presença em maior quantidade de peças com superfície oxidante (que apenas não é dominante em Penedo dos Mouros, onde o ambiente redutor supera o ambiente oxidante) (TENTE e DE MAN, 2016: 51).

Ainda tecnologicamente, mas no que se refere à moldagem das peças, também no Alto Mondego a maioria dos indivíduos é moldado a torno (94% Penedo dos Mouros, 89,3% S. Gens, 86,2% Soida) (TENTE e DE MAN, 2016: tabela 2.1). Como já se referiu acima, se considerarmos o fabrico dos fundos, em Carvalhais já nos afastaremos um pouco mais deste panorama, pois há 2 fundos feitos manualmente e 12 de técnica mista, a que se juntam pelo menos 2 recipientes sem forma – que se aproximariam mais da talha do que do pote nas dimensões –, que seriam montados pela técnica dos rolos. Por conseguinte, tecnologicamente, em particular na técnica de moldagem e dos recipientes de armazenagem, Carvalhais aproxima-se da Genestosa, sondagens de Cañaverall, onde se registam também este tipo de recipientes de tradição romana, mas de dimensões mais modestas do que os dessa época (CENTENO CEA, MARTÍN VISO e RUBIO DíEZ, 2022: 250–252). E de Pueblito, onde também estão documentados fabricos manuais e mistos (CENTENO CEA, MARTÍN VISO e RUBIO DíEZ, 2022: 253).

No Alto Mondego, tal como em Carvalhais, predominam as formas fechadas, os potes e panelas e os jarros. No Castelo de Arouca as panelas são consideradas maioritárias, apesar de não existirem ainda quantificações (SILVA e RIBEIRO, 2014: 157). Em termos de representatividade de potes / panelas, Carvalhais está mais próximo da Soida (45%), embora também em S. Gens (36%) e Penedo dos Mouros (24%) sejam as formas dominantes (TENTE e DE MAN, 2016: 51). Em Santa Olaia a percentagem de panelas / potes para o período entre o século IX e o XII é de 89,6%, portanto uma presença francamente esmagadora<sup>5</sup>.

Similarmente, em La Genestosa o repertório formal é idêntico, mas existem vasos de armazenagem de tradição romana, embora de tamanho mais reduzido em comparação com o Baixo Império (CENTENO CEA, MARTÍN VISO e RUBIO DíEZ, 2022: 250-251). Estes recipientes de maiores dimensões estão ausentes nos contextos do Alto Monde-

---

<sup>5</sup> Comunicação apresentada ao VII Congreso de Arqueología Medieval (España-Portugal), em Sigüenza, no dia 23 de março de 2023, por Ricardo Costeira da Silva, Sara Oliveira Almeida e Isabel Pereira – *Rise & fall: o ciclo medieval de Santa Olaia (Figueira da Foz, Portugal)* –, quadro do slide 16 relativo às formas do século IX-XII.

go, mas têm um certo ar de família com formas de Conimbriga. Tanto na decoração, como na inclinação do bojo as peças da coleção de Carvalhais assemelham-se ao grande contentor desenhado na Estampa XLVII, com o número 864 (ALARCÃO, 1975). Portanto em La Genestosa e em Conimbriga encontramos um paralelismo para os grandes recipientes de Carvalhais<sup>6</sup>, representados por fragmentos de paredes de vasos de armazenagem, mais pequenos do que os de época romana, em consonância com a redução de dimensões observada também em Conimbriga para os séculos V-VI, à medida que igualmente se verifica um decréscimo na qualidade da pasta, que se apresenta mais porosa (DE MAN, 2012: 34). Trata-se de 2 peças atribuíveis a colos com caneluras no arranque dos ombros, com pastas grosseiras de cozedura oxidante de cor alaranjada (FIG. 13, n.ºs 16 e 17) e outra peça de coloração cinzenta, decorada com um espesso cordão plástico digitado, e que apresenta pasta grosseira e micácea (FIG. 13, n.º 18). Pelo exposto considera-se que pertencem ao momento 1.

Nas escavações da Genestosa aprecia-se uma evolução entre as escavações de Cañaveral e Pueblito, que – como já sabemos – estão datadas de momentos sequentes, do século VI ao VIII. O repertório formal é bastante reduzido e dominam as formas fechadas, mas enquanto que no primeiro sítio, mais antigo, ainda surge alguma cerâmica mais depurada que parece imitar as últimas formas de *sigillata* tardia, no segundo já só se documentam formas fechadas, de pastas graníticas pouco depuradas e algumas até tecnicamente mais simples, isto é, recorrendo a moldagem manual e mista (CENTENO CEA, MARTÍN VISO e RUBIO DíEZ, 2022: 250-256). Da mesma forma pode ter ocorrido em Carvalhais uma fase em que ainda perduravam modelos do Baixo Império, sucedendo-se uma simplificação, patente nalguns fragmentos mais toscos e manuais, apesar dos dados recolhidos não permitirem uma aferição tão fina das cronologias.

A limitação do leque de formas – que se aprecia sobretudo a partir do momento em que decai o aprovisionamento de cerâmicas exógenas –, pode assumir diferenças cronológicas em função dos binómios interioridade / litoralidade e central / periférico e tem vindo a ser identifica-

---

<sup>6</sup> Estes exemplares estão fora das contagens uma vez que não têm forma (nem foi identificado nenhum bordo que pudesse pertencer a estes fragmentos), contudo é possível identificar que se trata de fragmentos com forma muito próxima do bordo e pela sua importância ao nível da funcionalidade foram incluídos na discussão.

da um pouco por toda a Península Ibérica, sobretudo do século VI em diante. O domínio esmagador das formas fechadas, nomeadamente dos potes / panelas, não acontece de um momento para o outro, a partir do século VI as formas abertas começam a ter cada vez menos representatividade, os pratos começam a rarear até desaparecer concomitantemente com outros traços de tradição romana nas cerâmicas, como é notado, por exemplo, em vários contextos do Alto Douro (Espanha) (LARRÉN IZQUIERDO *et al.*, 2004: 304).

Em Carvalhais, as afinidades com contextos mais antigos, que situamos no momento 1, plasmam-se na existência de alguns recipientes de menor diâmetro, talvez taças pequenas ou potinhos (como os representados pelos fundos 9 a 11 da FIG. 12). Tal como alguns fragmentos de bordos de formas abertas apresentam semelhanças com formas de cerâmica comum, dos séculos IV-V, que imitam cerâmicas finas africanas, embora os seus diâmetros sejam menores. 3 indivíduos são representados por bordos, com pastas oxidantes, pouco depuradas e micáceas, dois bordos em aba e outro quase em aba (FIG. 12, n.ºs 12, 13 e 14), os dois primeiros aproximam-se de exemplares de Santa Olaia que se inspiram ou imitam a forma africana Hayes 59 (SILVA, ALMEIDA e PEREIRA, 2021: 200; FIG. 13, n.ºs 4 e 6) e também lembram as cerâmicas alaranjadas finas do contexto de abandono do fontanário romano do fórum de *Aeminium*, ocorrido no século V-VI (SILVA, FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ e CARVALHO, 2015: 247, n.ºs 36, 37 e 38). Outros 3 indivíduos são fundos planos que poderão corresponder a pratos pela pouca espessura e leve sugestão de pé, apresentam pastas oxidantes (FIG. 11, n.ºs 4 a 6). Igualmente sugerindo cronologia do século VI, há um bordo com lábio pouco pronunciado que prefigura uma pequena forma (talvez um jarro?), de pasta escura, resultado de uma cozedura redutora, é decorado com linha incisa e pontilhados e tem vestígios de espatulado da linha até ao bordo, uma atenção ao acabamento que parece compensar uma pasta pouco depurada (FIG. 12, n.º 8). Este último exemplar, pelo cuidado apresentado nas superfícies e pela coloração, aproxima-se do universo das cerâmicas cinzentas finas de contextos do século VI documentadas em sítios como El Castellón (SASTRE BLANCO, CATALÁN RAMOS e FUENTES MELGAR, 2014).

A ruralidade do contexto de Carvalhais não terá sido óbice a que se tenha mantido algum tipo de modo de vida hispano-romano, visível nas cerâmicas de tradição pós-clássica. Tendo em conta que nas escavações programadas de 2003/2006 foram exumados bastantes fragmentos

de vidro e cerâmicas finas (VIEIRA, 2004b, 2005, 2006, 2007), o *modus vivendi* romano estaria implementado no local. Assim, compreende-se que possa ter perdurado uma certa tradição oleira de raiz clássica, comum a outras áreas, e que resulta em alguma familiaridade de formas e decorações, embora o uso de pastas graníticas (talvez locais), pouco depuradas, lhes empreste um cunho próprio. É de assinalar que o “ar de família”, que por vezes assumem algumas produções, poderá dever-se em grande medida a um semelhante modo de produção<sup>7</sup>.

Mesmo desta coleção da intervenção de 2015/2016, que agora se apresenta, está documentada cerâmica de comércio supra-regional de época romana (os 2 fragmentos de fundo de pequenas taças de *sigillata* hispânica tardia do vale do Douro<sup>8</sup> – FIG. 11, n.ºs 1 e 2 – a que se junta um fragmento de vidro), o que nos coloca a questão da residualidade, ou seja, é possível que se tenham mantido em utilização recipientes mais antigos (neste caso cerâmicas finas que poderão ter sido fabricadas até ao século V<sup>9</sup>), inclusive porque os recipientes cerâmicos seriam um bem valorizado, como temos prova no fragmento reparado (“gato”). A exemplo do que acontece na Genestosa, estes artefactos residuais podem ser entendidos como materiais em fase de uso não produtivo e talvez sejam indicadores de uma certa posição social do seu proprietário (CENTENO CEA, MARTÍN VISO e RUBIO DíEZ, 2022: 253).

Dada a fragmentação dos bordos das panelas / potes de Carvalhais não foi possível na maioria dos casos reconstituir os colos e ombros, o que torna um pouco mais difícil estabelecer paralelos. Apesar dessa dificuldade, é possível aproximar o bordo de cozedura redutora e pasta bastante micácea (FIG. 16, n.º 31) ao grupo 1 de Trancoso, definido por Helena Catarino, na variante do bordo boleado simples, que também

---

<sup>7</sup> Como apontado por Sonia Gutiérrez Lloret para a região do Sudeste Peninsular, o uso de técnicas menos apuradas no âmbito de produções de pequena escala aproxima os fabricos. Esta observação da autora é feita no contexto do aparecimento de cerâmicas manuais e a torno lento, sobretudo em contextos mais rurais, mas também em meios urbanos, ainda que com menos representatividade, interpretado como o recurso a produções locais para preencher o vazio deixado pela cerâmica de importação que escasseia, sobretudo no interior (GUTIÉRREZ LLORET, 1996: 170-178).

<sup>8</sup> Agradecemos a identificação a Pedro Pereira.

<sup>9</sup> São fragmentos muito pequenos, mas poderão ter pertencido a pequenas formas abertas, possuem pés quase incipientes que se assemelham aos dos exemplares 126 e 136 encontrados em Braga (MORAIS, 2010: 456-457).

encontra similaridades nas panelas e potes de Conimbriga, na fase II tardia dos séculos VII-IX (FERREIRA, LOBÃO e CATARINO, 2012: 19). Também em Trancoso se encontra paralelo para as panelas de bordo biselado (FIG. 16, n.º 29), no grupo 2, sendo similares ao exemplar 4 desse catálogo (FERREIRA, LOBÃO e CATARINO, 2012: 19), semelhante também a exemplar registado no pátio da Universidade de Coimbra, atribuível a período entre os séculos IX e XII (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 346, Fig. 9 e 4). O bordo triangular (FIG. 16, n.º 28) vai ao encontro de igual cronologia, na mesma escavação de Coimbra, com vários paralelos meridionais (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 346).

A forma aberta que se populariza no reduzido leque formal que culmina no século IX em diante é o alguidar. A percentagem de alguidares de Carvalhais não tem paralelo no Alto Mondego: Penedo dos Mouros tem 10,4%, S. Gens e Soida ficam, respetivamente, pelos 7,5% e 3,4% (TENTE e DE MAN, 2016: tabela 2.1). Carvalhais, com 32% de peças identificadas como formas abertas, a que correspondem bordos associados a paredes oblíquas, os alguidares, distancia-se assim destes conjuntos artefactuais.

O bordo espessado triangular, um dos perfis destes alguidares (FIG. 18, n.º 44) encontra paralelo no sítio de Malafaia, num contexto atribuído ao século X (SILVA e RIBEIRO, 2014: fig. 14, n.º 4) e em Conimbriga em forma<sup>10</sup> presente na destruição da ínsula do vaso fálco (ALARCÃO 1975: fig. XLII, n.º 804; 2004: 108, Fig. 2). O bordo em martelo (FIG. 18, n.º 39) encontra similitudes num vaso de S. Gens (TENTE, LANTES e PRIETO, 2014: fig. 3, n.º 2) e novamente em Conimbriga (ALARCÃO, 1975: fig. XLI, n.º 788).

Os alguidares de fundo em disco são recipientes identificados através dos seus fundos característicos e que em Carvalhais se identificaram 10 peças (NMR fundos, que poderão eventualmente pertencer a alguns dos bordos identificados). É muito habitual estas formas serem decoradas nas bases, sendo das formas com maiores índices de decoração no Alto Mondego, rondando os 50% das peças estudadas (TENTE e DE MAN, 2016: 55); situação que encontra eco também em Conimbriga,

---

<sup>10</sup> Num tipo de pasta e cozedura que se convencionou chamar grés e que, apesar de originalmente ser publicado como cerâmica comum de época romana, terá começado a ser fabricado em período pós-romano (ALARCÃO, 2004: 104-105; DE MAN, 2004: 461-463, TENTE e DE MAN, 2016: 60).

onde esta forma se encontra profusamente decorada<sup>11</sup>, bem como no Castelo de Arouca e Malafaia (SILVA e RIBEIRO, 2014: Fig. 13). Ora, no caso de Carvalhais, nenhuma base é decorada (é de frisar que esta referência é apenas aos fragmentos que podem ser identificados sem dúvidas, os fundos), pelo que os exemplares de Carvalhais se assemelham mais ao fragmento de alguidar de Trancoso, liso, que encontra paralelo em El Cristo de San Esteban (Muelas del Pan, Zamora)<sup>12</sup> (LARRÉN IZQUIERDO *et al.*, 2004: 290, 297, Fig. 5, 14, n.º 2) embora na publicação apareçam classificados como tampas, como é apontado pelos autores do estudo sobre Trancoso (FERREIRA, LOBÃO e CATARINO, 2012: 28).

Em termos de fabrico, os fundos dos alguidares em disco aproximam-se das peças documentadas no Alto Mondego pela rugosidade que apresentam, justificada pelos negativos do areão presente na superfície onde seriam deixados a secar (TENTE e DE MAN, 2016: 55), assim como de alguns elementos vegetais (palha?). As datações de radiocarbono obtidas nos sítios estudados por Catarina Tente (TENTE e DE MAN, 2016: 49-50), bem como nos sítios estudados por Fernando Silva e Manuela Ribeiro (SILVA e RIBEIRO, 2014: 162-166) permitem situar com segurança no século IX o momento mais recuado para o aparecimento dos alguidares de fundo em disco. Estas formas têm vindo a ser equacionadas com a área mais setentrional do atual território português, Conimbriga representando o ponto mais a sul onde se conhece este tipo de recipientes. De momento aceita-se que têm uma longa presença nos registos arqueológicos, há quem indique datas mais precoces, mas é relativamente consensual considerar que terão aparecido no século IX e continuaram a ser fabricados até ao século XIV, com variações regionais e morfológicas ao longo do tempo (DE MAN *et al.*, 2014: 62). As 10 peças que correspondem a alguidares de base em disco, englobam-se, portanto, no momento 2, correspondendo ao período mais tardio.

Em termos de decoração, Carvalhais tem menos peças decoradas do que a generalidade dos sítios já referidos, nomeadamente os do Alto Mondego (ver Quadro 3 última linha, os únicos arqueossítios que de momento disponibilizam dados comparáveis), mas a gramática decorativa não se desvia da encontrada em todos eles, também não ficando

---

<sup>11</sup> Confirma-se das Estampas XXXVII à XLI do V volume das *Fouilles de Conimbriga* (ALARCÃO, 1975).

<sup>12</sup> Este sítio está datado dos séculos VI-VII por radiocarbono, é um assentamento de altura com muralhas (LARRÉN IZQUIERDO *et al.*, 2004: 291, quadro).

longe das decorações registadas em Conimbriga<sup>13</sup> e em Arouca (SILVA e RIBEIRO, 2014: 167), nas linhas incisivas onduladas e os cordões aplicados e com digitações. Nos assentamentos rurais da província de Salamanca, terá sido em meados e finais do século VI que se dá o aparecimento de linhas incisivas, aplicações plásticas e impressões de dedos e unhas na cerâmica comum de cozinha (ARIÑO GIL e DAHI ELENA, 2012: 381). Em concordância, na Genestosa há paralelos nas linhas incisivas retas, uma ou várias separadas entre si e as onduladas, que são maioritárias no Cañaverál, a que se unem outras idênticas no Pueblito, complementadas por linhas retas horizontais, onduladas ou combinadas feitas a pente (CENTENO CEA, MARTÍN VISO e RUBIO DíEZ, 2022: 251, 255). Voltando ao vale do Mondego, num sítio conhecido por Abadia (Santa Comba Dão, Viseu), que possui uma vasta área de vestígios arqueológicos, uma parte dos quais corresponderão a uma *villa*, mas onde também estão documentadas sepulturas rupestres, no contexto de uma vasta coleção de cerâmica fina, registam-se cerâmicas comuns, de coloração alaranjada, que ostentam vários motivos de decoração incisiva, provenientes de escavações no local apelidado de Patarinho 3 (MATOS e CATARINO, 2019: 136-137). A verdade é que este tipo de decoração aparece em tantos e variados contextos entre o século V e XII que praticamente, por si só, não tem qualquer valor a nível cronológico.

As asas puncionadas, que em Carvalhais surgem em 2 pequenos fragmentos (FIG. 18, n.ºs 21 e 22), são uma decoração (apesar de ter motivação tecnológica, ligada ao reforço da peça) que também perdura no tempo. Encontram-se em Conimbriga desde um *contexto puramente visigótico* e chegam a atingir o *período califal* (DE MAN, 2004: 468) e são comuns em contextos pleno medievais, como em Coimbra (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009; SILVA, 2016). Portanto, mais uma vez, não auxilia na aferição de cronologias.

O reduzido número de morfotipos e um repertório simplificado também nos situam num arco temporal muito alargado, atendendo a que a redução morfológica e simplificação de repertório é um fenómeno que se inicia no mundo romano tardio um pouco por todo o império.

---

<sup>13</sup> Atente-se, por exemplo, das Estampas XXXVII à LII, as páginas dedicadas às formas de grés, onde alguidares, potes, panelas e jarros ostentam decorações incisivas horizontais, ou formando linhas onduladas, simples ou duplas, os cordões aplicados e digitados e – por vezes – todos estes recursos aplicados em diferentes conjugações (ALARCÃO, 1975).

Como exemplo, podemos referir a área rural de Salamanca onde o estudo de algumas coleções – datáveis entre 350 e 700 d.C. –, mostra como ao longo do tempo a cerâmica de cozinha se torna predominante, tendência que acompanha a rarefação de cerâmicas finas comuns no Alto Império (ARIÑO GIL e DAHI ELENA, 2014: 589, 592). Em Conimbriga é visível tanto ao nível da diminuição das variantes de bordo, como dos perfis completos e na perda de depuração das pastas. Tendência que se vê compensada pelas soluções decorativas: *as linhas incisivas e onduladas nos ombros e bojo reflectem uma tentativa de inovação ornamental, que culmina nos cordões plásticos digitados* (DE MAN, 2004: 460). No caso do vale do Mondego, entre os séculos VI a IX, os tipos vão-se reduzindo e predominam os recipientes fechados (TENTE e DE MAN, 2016: 60).

Em suma, atendendo à pouca informação que se retirou ao nível das estruturas associadas ao material arqueológico e à falta de datações absolutas, a atribuição cronológica recai sobre os artefactos cerâmicos. Contudo, sabemos que os paralelismos, mesmo com contextos datados com fiabilidade, terão sempre a sua margem de erro, que é ainda maximizada pela regionalização das produções e variabilidade vigente na Alta Idade Média.

### **Considerações finais**

O pequeno lote ceramológico aqui apresentado mostrou-se heterogéneo e as características intrínsecas das peças acabaram por motivar uma divisão em dois grandes momentos. O primeiro iniciando-se no século VI e o segundo começando no século IX. Quanto à data de término do depósito arqueológico pode-se conjecturar que terá sido cerca do século XI-XII, quando o assentamento de Carvalhais terá sido preterido a favor de um núcleo populacional associado a uma igreja paroquial – uma realidade emergente neste período –, neste caso a antiga Barrelas (atualmente Vila Nova de Paiva, sede de concelho), a 1,5Km de distância. Apesar de não ser conhecida a data de fundação da igreja de S. Sebastião, a cruz românica, da segunda metade do século XII (BARROCA, 2000: n.º 247), que alberga no seu interior, permite-nos admitir a hipótese que, pelo menos, nesta data existiria aí um templo paroquial.

Carvalhais, como espelha a sua coleção cerâmica, seria um assentamento rural que não estaria isolado dos seus congéneres regio-

nais dos séculos VI a XI, num contexto em que se verifica a tendência para a uniformização em torno das categorias funcionais, reduzindo-se a variedade morfológica e em que começam a surgir fabricos de ocasião, domésticos e estimulados pelas necessidades imediatas (DE MAN, 2012: 34). O leque de formas progressivamente reduzido aos potes / panelas, jarros e alguidares, forjando uma realidade em que predominam os recipientes fechados e rareiam os grandes contentores e peças de uso à mesa, como seriam o copo, a taça ou o prato. Desembocando numa realidade em que a regra é a multifuncionalidade dos vasos cerâmicos, certamente complementados por outros objetos manufaturados em matérias perecíveis.

A variabilidade notada nas formas presentes em Carvalhais tanto se deve à *regionalização económica associada a uma autarcia produtiva* (TENTE e DE MAN, 2016: 60), que caracteriza o período cronológico, como à herança de uma tradição pós-romana que teimou em persistir e que por vezes se terá materializado no uso de peças que já não se produziam, algumas até poderiam ser entendidas como verdadeiras relíquias.

O conjunto cerâmico remete-nos para atividades domésticas quotidianas ligadas à preparação, confeção e armazenamento de alimentos, bem como para a fição. As estruturas a que estes objetos se associam só permitem um vislumbre da arquitetura coeva, apenas sabemos que existiriam construções em pedra seca, não afeiçoada e talvez se usassem buracos de poste para suportar estruturas de cobertura. Portanto algo fruste, mas que não se distancia do que é conhecido para as centúrias que rodeiam o primeiro milénio d.C..

Espera-se num futuro próximo ser possível compreender melhor o enquadramento das peças aqui reveladas e da sua relação com o próprio sítio arqueológico, quando se terminar o estudo dos conjuntos ceramológicos das escavações de 2003-2006. É possível que nessa altura algumas das ideias agora avançadas venham a ser refutadas.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1975) – Fouilles de Conimbriga. La céramique commune locale et régionale, in ALARCÃO, Jorge; ETIENNE, Robert, eds. – *Les Fouilles de Conimbriga*, Paris: De Boccard.
- ALARCÃO, Jorge de (2004) – Conimbriga, 20 anos depois, in AA.VV.– *Perspectivas sobre Conimbriga*, Coimbra: Âncora Editora; Liga de Amigos de Conimbriga, pp. 97-114.

- ARIÑO GIL, Enrique; DAHI ELENA, Sarah (2012) – La cerámica de los yacimientos rurales de la provincia de Salamanca (España) entre la Antigüedad Tardía y la alta Edad Media (350-700), *Archeologia medieval*, 39, pp. 371-383.
- ARIÑO GIL, Enrique; DAHI ELENA, Sarah (2014) – Ceramic context from Late Antiquity to Early Middle Ages (350-700) in rural settlements of Salamanca (Spain), in POULOU-PAPADIMITRIOU, Natalia; NODARU, Eleni; e KILIKOGLU, Vassilis, eds. – *The Mediterranean: a market without frontiers [LRCW 4 Late Roman Coarse Wares, Cooking and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and archaeometry]*, Oxford: BAR, pp. 589-597.
- BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*, Lisboa. <https://hdl.handle.net/10216/55736>.
- BELEZA, Avantino Loureiro (1981) – *Levantamento arqueológico de Vila Nova de Paiva*. Trabalho apresentado no âmbito da disciplina de Técnicas de Investigação Arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- CANHA, Alexandre (2002) – *Canedotes. Povoado do Bronze Final do Alto Paiva*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CANHA, Alexandre; TEMUDO, Susana (2016) – *Relatório de Trabalhos de Arqueologia: Lugar dos Carvalhais, Vila Nova de Paiva, Viseu*, Aveiro: Zephyros Arqueologia.
- CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia; SANTOS, Constança dos (2009) – Coimbra islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos, *XELB: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*, 9, pp. 333-376.
- CENTENO CEA, Inés María; MARTÍN VISO, Iñaki; RUBIO DÍEZ, Rubén (2022) – Los materiales cerámicos de la Dehesa de La Genestosa. Algunas cuestiones metodológicas derivadas del estudio de producciones altomedievales de pastas graníticas, in PRATA, Sara; CUESTA GOMÉZ, Fabián e TENTE, Catarina, eds. – *Paisajes, espacios y materialidades arqueología rural altomedieval en la península ibérica*, s.l.: ARCHAEPRESS, pp. 246-259. Disponível em: <https://research.unl.pt/ws/portafiles/portal/43416833/PaisajesEspaciosMaterialidades.pdf>.
- COSTA, Manuel Gonçalves da (1979) – *História do bispado e cidade de Lamego. Idade Média: Paróquias e Conventos*, Lamego.
- COSTA, Manuel Gonçalves da (1985) – O cristianismo nas terras do Demo, *Beira Alta*, 46:3, pp. 421-443.
- CRUZ, Domingos J. da; CANHA, Alexandre; LOUREIRO, Sílvia; VALINHO, Alexandre; VIEIRA, Marina Afonso (2000a) – *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Paiva*, Vila Nova de Paiva: Câmara Municipal.
- CRUZ, Domingos J. da; CANHA, Alexandre; LOUREIRO, Sílvia; VALINHO, Alexandre; VIEIRA, Marina Afonso (2000b) – Património arqueológico do concelho de Vila Nova de Paiva: a ocupação do alto Paiva desde a Pré-história à Alta Idade Média. Apontamentos para uma visita arqueológica..., *Estudos Pré-Históricos*, 8, pp. 251-264.
- DE MAN, Adriaan (2004) – Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense, *Revista portuguesa de arqueologia*, 7:2, pp. 459-472. Disponível em: [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesa-dearqueologia/7\\_2/20.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesa-dearqueologia/7_2/20.pdf).

- DE MAN, Adriaan (2012) – A cerâmica de Qundâyixa: dados para uma reapreciação cronológica, *Arqueologia medieval*, 12, pp. 33–40.
- DE MAN, Adriaan; CORREIA, Virgílio Hipólito; LOVEGROVE, Sofia; ANDRADE, Francisco (2014) – Cerâmica Medieval de Conimbriga, in DE MAN, Adriaan e TENTE, Catarina, eds. – *Estudos de cerâmica medieval: O Norte e Centro de Portugal – séculos IX a XII*, Lisboa: IEM, pp. 57-67.
- DE MAN, Adriaan; TENTE, Catarina, eds. (2014) – *Estudos de cerâmica medieval: O Norte e Centro de Portugal – séculos IX a XII*, Lisboa: IEM.
- FERREIRA, Maria do Céu; LOBÃO, João Carlos; CATARINO, Helena (2012) – Cerâmicas altomedievais do Castelo do Trancoso: uma primeira abordagem, *Arqueologia medieval*, 12, pp. 15-32.
- GAMA, Manuel Fonseca (1940) – *Terras do Alto Paiva. Memória histórico-geográfica e etnográfica do concelho de Vila Nova de Paiva* [Reproduzido em 2004 pela Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva].
- GUTIÉRREZ LORET, Sonia (1996) – *La Cora de Tudmir: de la antigüedad tardía al mundo islámico: poblamiento y cultura material*, Madrid-Alicante: Casa de Velázquez.
- LARRÉN IZQUIERDO, Hortensia; VILLANUEVA ZUBIZARRETA, Olatz; CABALLERO ARRIBAS, Jesús; DOMÍNGUEZ BOLAÑOS, Alonso; MISIEGO TEJEDA, Jesús Carlos; MARCOS CONTRERAS, Gregorio José; BLANCO GARCÍA, Juan Francisco; SANZ HUESMA, Francisco Javier; MARTÍN MONTES, Miguel Angel; NUÑO GONZÁLEZ, Jaime (2004) – Ensayo de sistematización de la cerámica tardoantigua en la Cuenca del Duero, in *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad: II Simposio de Arqueología*. Merida, pp. 273-306.
- LUSITANUS, Celtibero (1974) – Em terras da Lusitânia. Apontamentos sobre arqueologia de alguns lugares da Beira Alta e do Distrito de Viseu: Nogueira de Côta, Vila Nova de Paiva e Alhais, *Beira Alta*, 33:2, pp. 241-263.
- MARQUES, Jorge Adolfo M. (1992) – Notas arqueológicas do concelho de Vila Nova de Paiva, *Beira Alta*, 51:3-4, pp. 359-382.
- MARQUES, Jorge Adolfo M (1995) – *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MARQUES, Jorge Adolfo M. (1996) – Contributo para o estudo do povoamento da região de Viseu na Alta Idade Média, *Máthesis*, 5, pp. 205-211.
- MARQUES, Jorge Adolfo M (2000) – *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*, Viseu.
- MARTÍN VISO, Iñaki; RUBIO DíEZ, Rubén; LÓPEZ SÁEZ, JOSÉ Antonio; RUIZ ALONSO, Mónica; PÉREZ DÍAZ, Sebastián (2017) – La formación de un nuevo paisaje en el centro de la península ibérica en el periodo posromano: el yacimiento de La Genestosa (Casillas de Flores, Salamanca), *Archivo Español de Arqueología*, 90, pp. 7-28. Disponível em: <https://aespa.revistas.csic.es/index.php/aespa/article/view/407/390>.
- MATOS, Pedro; CATARINO, Helena (2019) – A villa da Abadia (Santa Comba Dão, Viseu): materiais arqueológicos e vias de comunicação, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 22:1, pp. 129-140.

- MORAIS, Rui (2010) – Estudio preliminar de la *terra sigillata* Hispánica Tardía de Bracara Augusta, in *Rei Cretariae Romanæ Favtorvm Acta 41*, Bona, pp. 437-461.
- NAZARÉ, Maria João (2013) – *Cerâmicas Medievais de Santa Olaia (Figueira da Foz) depositadas no Museu Municipal Dr. Santos Rocha*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/23836>.
- RAPOSO, Jorge; FREIRE, Patrícia; BOTAS, Rui Eduardo; HENRIQUE, José Carlos (2001) – Sítios arqueológicos visitáveis em Portugal, *Al-madan*, 10, pp. 100-157.
- RUBIO DíEZ, Rubén; MARTÍN VISO, Iñaki; CENTENO CEA, Inés María (2022) – Un asentamiento campesino en los confines de la Meseta del Duero, in PRATA, Sara; CUESTA-GOMÉZ, Fabián; e TENTE, Catarina, eds. – *Paisajes, espacios y materialidades: Arqueología rural altomedieval en la península ibérica*, s.l.: ARCHAEOPRESS, pp. 198-209. <https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/43416833/PaisajesEspaciosMaterialidades.pdf>.
- SASTRE BLANCO, José Carlos; CATALÁN RAMOS, Raúl; FUENTES MELGAR, Patricia (2014) – El conjunto cerámico de El Castellón (Zamora) y las cerámicas de imitación de *Sigillata* en el contexto del siglo V, *As Produções cerâmicas de imitação na Hispania*, 1, pp. 537-547.
- SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo Augusto F. de; ABREU, João M. Abreu; RIBEIRO, Manuela C. S. (2008) – La estación romana de malafaia, en el extremo noroeste de la Lusitania, in FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen; GARCÍA-ENTERO, Virginia; GIL SENDINO, Fernando, eds. – *Las villae tardorromanas en el Occidente del Imperio: Arquitectura y función*, Gijón: Trea, pp. 719-730.
- SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2006) – Cerâmica medieval das escavações no Castelo de Arouca: ensaio de análise morfotipológica, *Portugalia*, 27, pp. 69-88. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/view/3804/3558>.
- SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2014) – Cerâmicas do período da reconquista no Vale do Arda: Castelo de Arouca e Casal da Malafaia, in DE MAN, Adriaan e TENTE, Catarina, eds. – *Estudos de cerâmica medieval: O Norte e Centro de Portugal - séculos IX a XII*, Lisboa: IEM, pp. 161-181.
- SILVA, Ricardo Costeira da (2016) – Medieval pottery from the Forum of Aeminium (Coimbra, Portugal): a proposal of chrono-typological evolution, in *A cerâmica medieval no mediterrâneo: actas do X Congresso Internacional*, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 739-749.
- SILVA, Ricardo Costeira da; ALMEIDA, Sara Oliveira; PEREIRA, Isabel (2021) – A face romana de Santa Olaia (Figueira da Foz, Portugal) – uma leitura possível a partir da cultura material, *Ophiussa: Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*, 5, pp. 183-206. Disponível em: <https://doi.org/10.51679/ophiussa.2021.87>.
- SILVA, Ricardo Costeira da; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; CARVALHO, Pedro C. (2015) – Contextos e cerâmicas tardo-antigas do fórum de Aeminium (Coimbra), *Revista portuguesa de arqueologia*, 18:1, pp. 237-256. Disponível em: [https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/rpa/rpa18/rpa\\_18\\_14.pdf](https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/rpa/rpa18/rpa_18_14.pdf).

- SOUZA, Gabriel Mazoni Venturini de; CORDERO RUIZ, Tomás (2020) – Uma aproximação ao estudo das produções cerâmicas alto medievais (séculos IV a VIII) no território português, *Arqueologia y Territorio Medieval*, 27, pp. 137-156. DOI:10.17561/aytm.v27.5363.
- TENTE, Catarina; DE MAN, Adriaan (2016) – Um rio, dois territórios no centro de Portugal. A produção cerâmica no vale do Mondego – os casos do espaço rural do Alto Mondego e de Conimbriga, in VIGIL-ESCALERA, Alfonso e QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio, eds. – *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica, siglos V-X: sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*, Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 43-68.
- TENTE, Catarina; LANTES, Óscar; PRIETO, Pilar (2014) – A produção cerâmica dos séculos IX a XI na região do Alto Mondego (Portugal), in DE MAN, Adriaan e TENTE, Catarina, eds. – *Estudos de cerâmica medieval: O Norte e Centro de Portugal - séculos IX a XII*, Lisboa: IEM, pp. 109–139.
- VIEIRA, Marina Afonso (2000) – *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romanas e alto medieval*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- VIEIRA, Marina Afonso (2004a) – *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romanas e alto medieval*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/publications/trabalhos-de-arqueologia-36-alto-paiva-povoamento-nas-epocas-romana-e-alto-medieval>.
- VIEIRA, Marina Afonso (2004b) – Carvalhais (Vila Nova de Paiva, Viseu) Relatório das escavações arqueológicas de 2003.
- VIEIRA, Marina Afonso (2005) – Carvalhais (Vila Nova de Paiva, Viseu) Relatório das escavações arqueológicas de 2004.
- VIEIRA, Marina Afonso (2006) – Carvalhais (Vila Nova de Paiva, Viseu) Relatório das escavações arqueológicas de 2005.
- VIEIRA, Marina Afonso (2007) – Carvalhais (Vila Nova de Paiva, Viseu) Relatório das escavações arqueológicas de 2006.
- VIGIL-ESCALERA, Alfonso; QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (2016) – La cerámica de la Alta Edad Media en el Noroeste Peninsular. Una introducción, in VIGIL-ESCALERA, Alfonso e QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio, eds. – *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X): sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*, pp. 23-41.

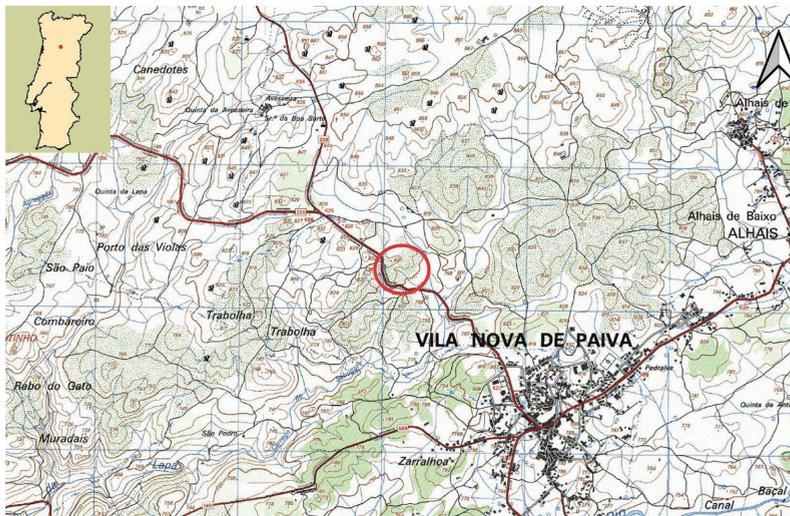


FIG. 1 – Localização do sítio de Carvalhais na carta militar 1:25 000, fl. N.º 158.

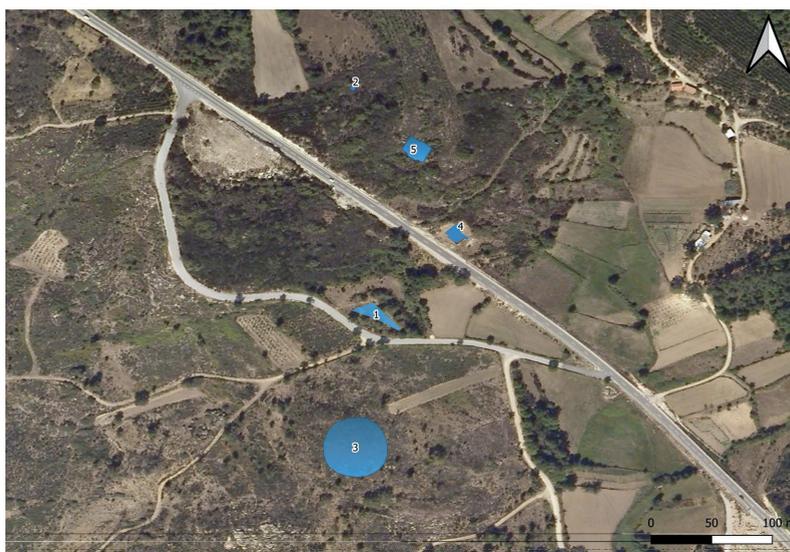


FIG. 2 – Implantação dos vestígios do sítio arqueológico de Carvalhais sobre fotografia aérea IGP 89/07.  
 (1.) Necrópole. (2.) Sepultura isolada. (3.) Escorial. (4.) Área escavada 2003-2006.  
 (5.) Área de afetação da obra correspondente às sondagens de minimização de impacto (ed. Marina Vieira).



FIG. 3.1 – Plano da Estrutura [02] (des. Susana Temudo).

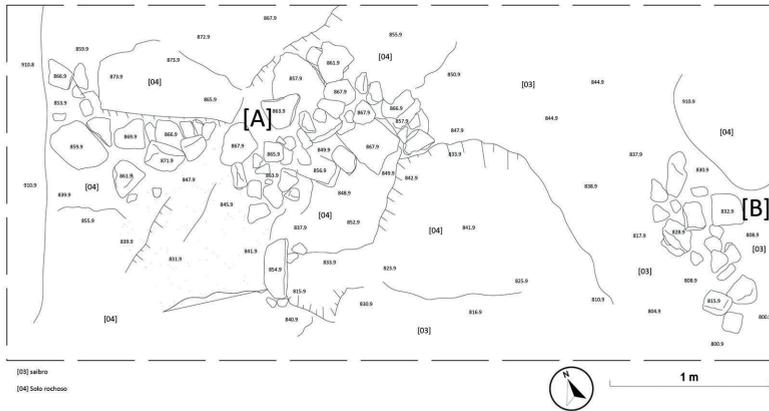


FIG. 3.2 – Plano das Estruturas A e B (des. Susana Temudo).



FIG. 4 – *Aspeto da área de implantação das sondagens (fot. Susana Temudo).*



FIG. 5 – *Vista da estrutura [02] (fot. Susana Temudo).*



FIG. 6 – Buraco de Poste [05] (fot. Susana Temudo).



FIG. 7 – Estrutura B (fot. Susana Temudo).



FIG. 8 – *Aspeto do almofariz aquando do seu achado (fot. Susana Temudo).*



FIG. 9 – Líticos: afiadores e moventes (fot. Susana Temudo, ed. Marina Vieira).



FIG. 10 – Fragmentos cerâmicos com decoração em cordão plástico digitado (fot. Susana Temudo, ed. Marina Vieira).

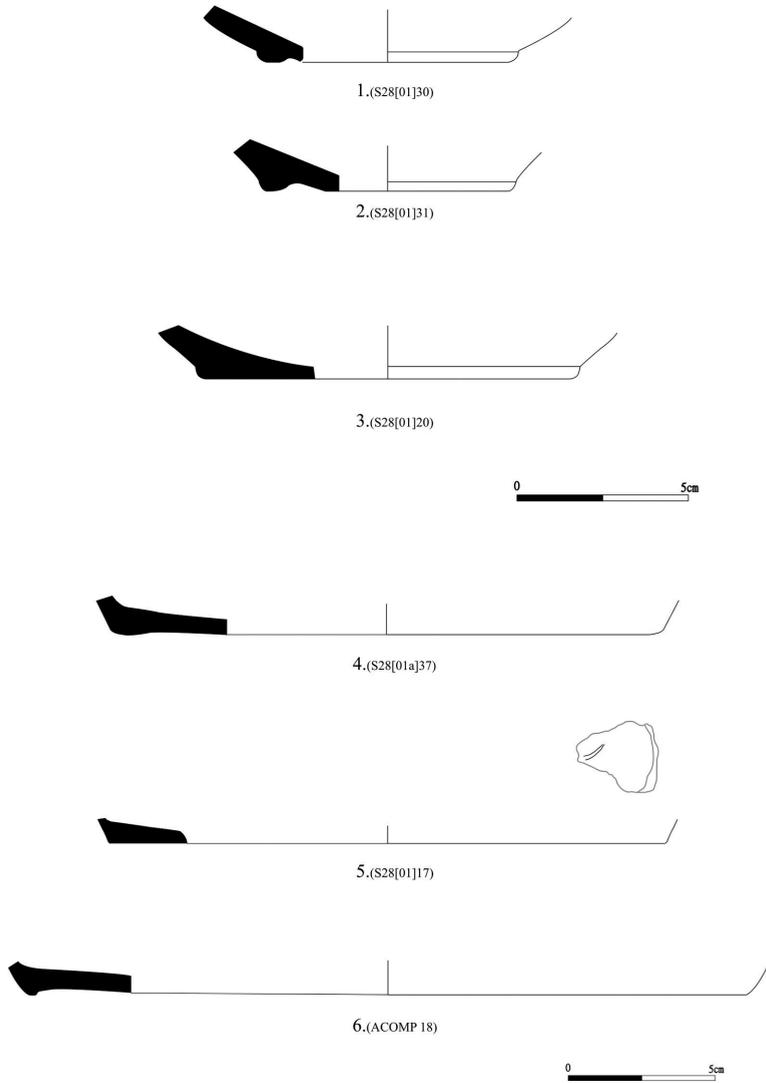


FIG. 11 – Fundos [momento 1]. 1 e 2 sigillata; 3 imitação de cerâmica fina tardia; 4, 5 e 6 pratos (?) (des. Susana Temudo).

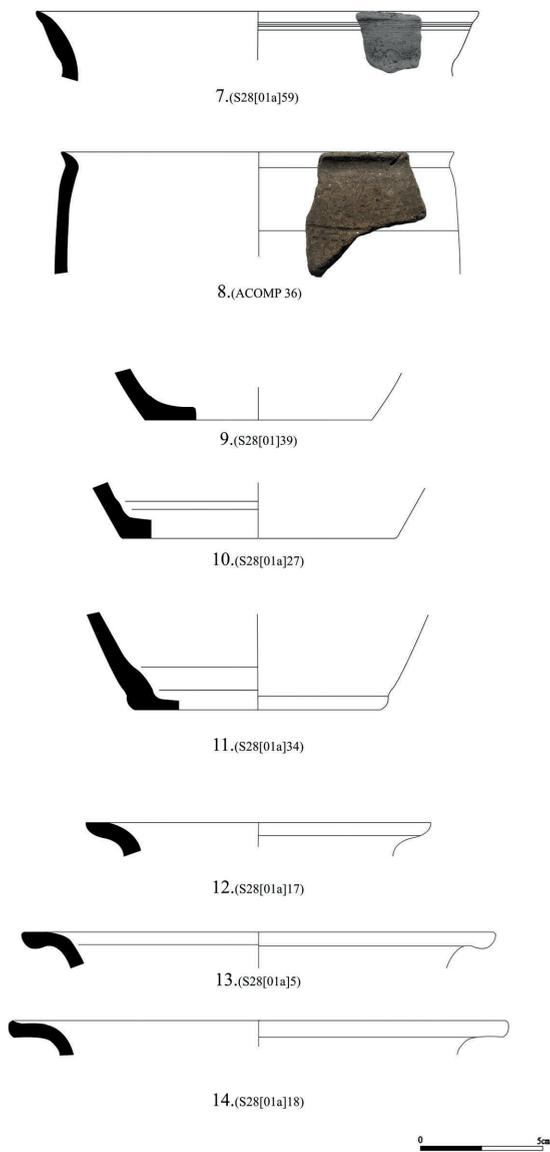
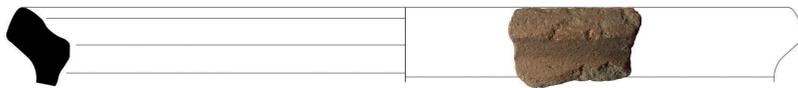
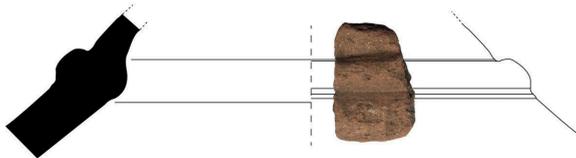


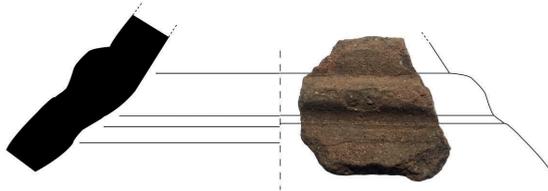
FIG. 12 – Bordos e fundos [momento 1] (des. Susana Temudo, fot. e ed. Marina Vieira).



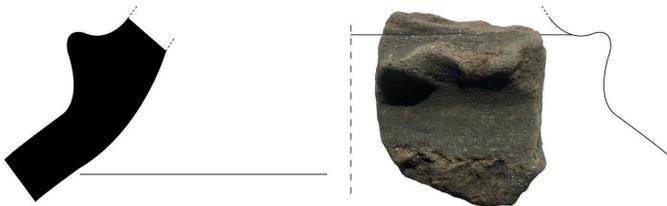
15.(S11[00]1)



16.(S28[01a]51)



17.(S28[01]84)



18.(S28[01a]46)



FIG. 13 – *Grandes recipientes [momento 1]* (des. Susana Temudo, fot. e ed. Marina Vieira).

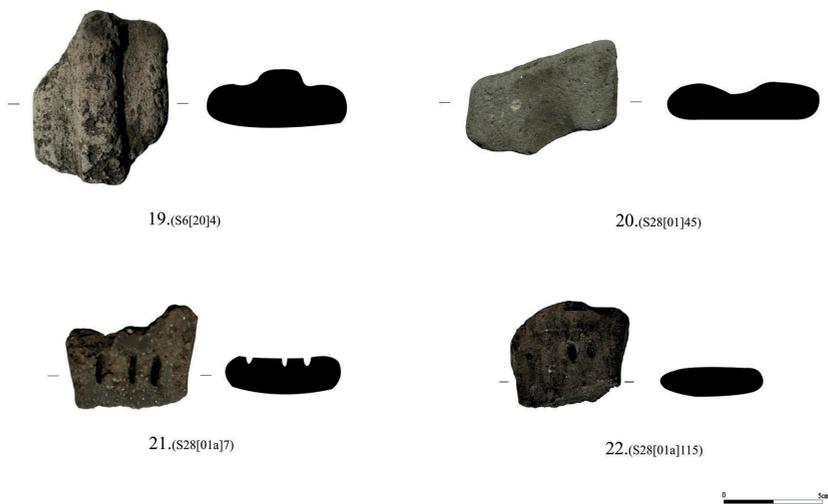


FIG. 14 – Asas (des. Susana Temudo, fot. e ed. Marina Vieira).

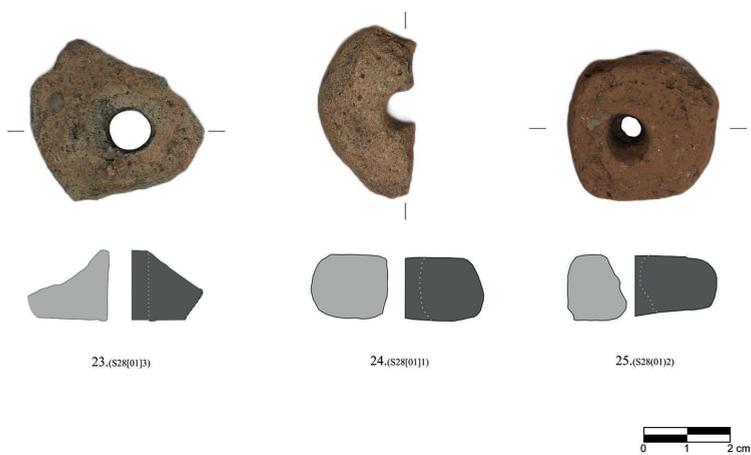


FIG. 15 – Cossoiros (fot. e des. Marina Vieira).

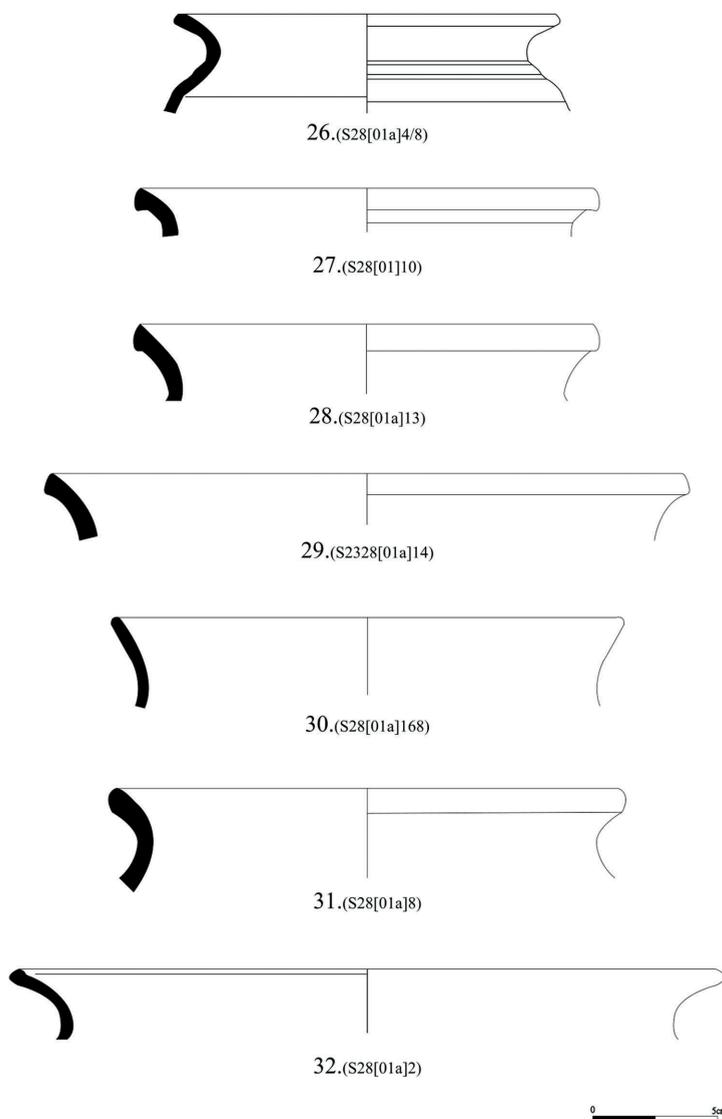


FIG. 16 – Potes / panelas (des. Susana Temudo).

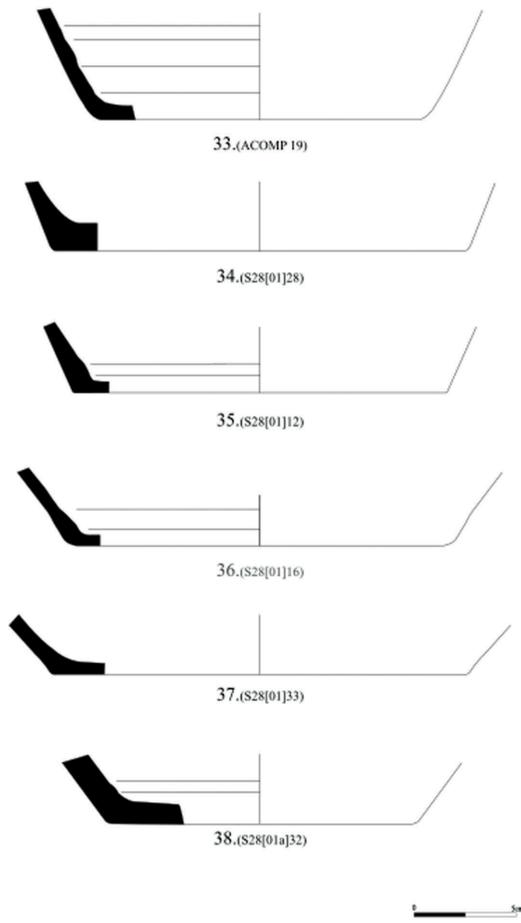


FIG. 17 – Fundos (des. Susana Temudo).

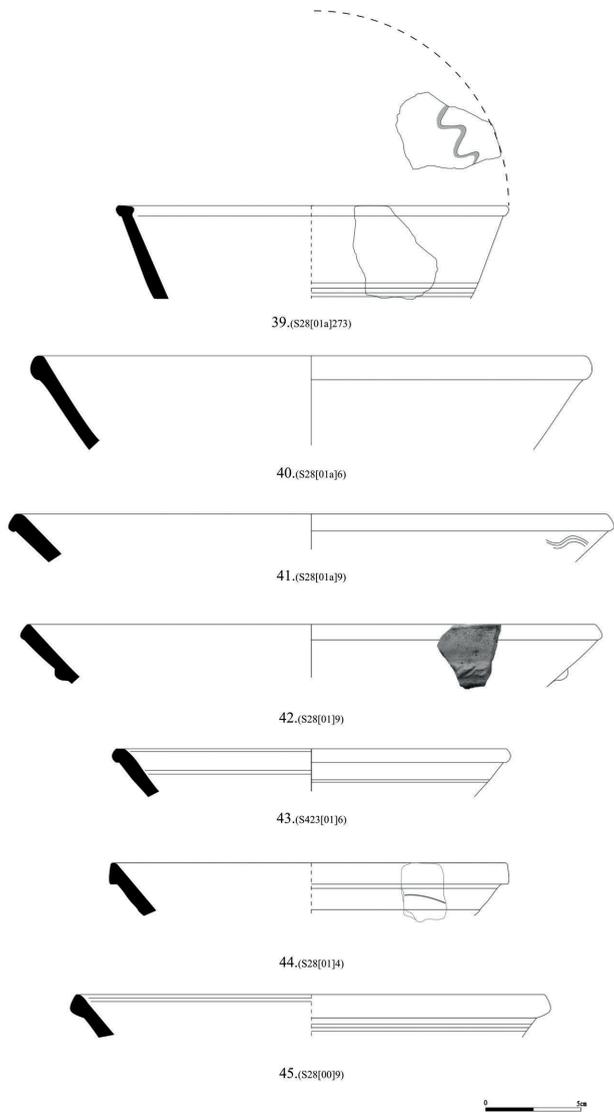


FIG. 18 – Bordos de alguidares [momento 2] (des. Susana Temudo).

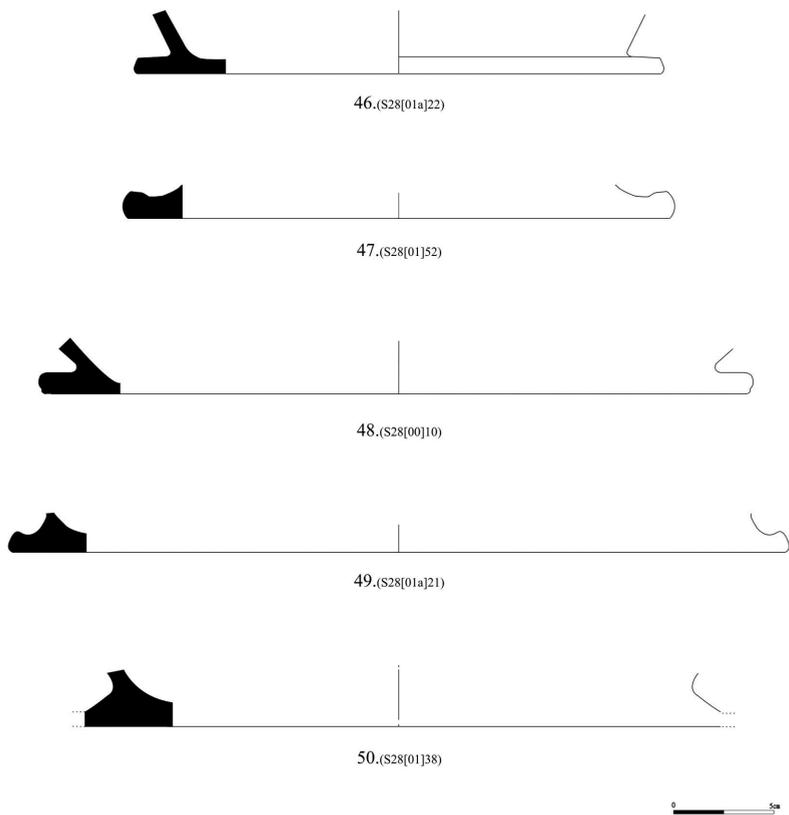


FIG. 19 – Alguidares, fundos de base em disco [momento 2] (des. Susana Temudo).